

## FEIRA DE SANTANA E O COMÉRCIO DO GADO

ANA DIAS DA SILVA CARVALHO

*Estudando os caminhos e as feiras de gado da Bahia, a cidade de Feira de Santana e o papel da importante feira de gado, que dá vida a esse centro urbano da Bahia, a Profa. ANA DIAS DA SILVA CARVALHO, sócio cooperador da A. G. B. e assistente da cadeira de Geografia Humana na Faculdade Católica de Filosofia da Bahia, oferece aos leitores do Boletim Paulista de Geografia valiosa contribuição para o melhor conhecimento da geografia baiana.*

**Os caminhos de gado na Bahia.** — O gado introduzido na Bahia, no segundo quartel do século XVI, apenas ocupou, nos primeiros tempos, pequenos currais, na área onde hoje se expande a Cidade do Salvador.

No govêrno de Tomé de Souza (1549-1553), começou a expansão das fazendas, através do fidalgo Garcia d'Ávila. Este recebera uma sesmaria ao Norte de Itapoã, donde partiu o gado para o Norte e Noroeste, rapidamente ocupando todo o Nordeste do Estado e atingindo o vale de São Francisco já no fim do mesmo século XVI. O mercado consumidor, porém, era o Recôncavo e, sobretudo, Salvador. Começaram, assim, a surgir os caminhos.

Segundo Capistrano de Abreu, aquêlo gado do São Francisco, para chegar ao Recôncavo, percorria o vale até a fóz e, dali, pelo litoral, com dificuldade, atingia Capoame, donde as boiadas partiam para Salvador. Era um péssimo caminho. Antonil fala em jornadas de 4,5 e 6 léguas ininterruptas, pela dificuldade de encontrar pastos. Também onde havia falta de água as jornadas chegavam a 15 ou 20 léguas, dia e noite. Sabe-se que foi tentado outro caminho, por Jeremoabo, mas não é fácil, atualmente, precisar o seu traçado. Sabe-se mais (e ainda por Capistrano de Abreu) que passava por Pombal (vale do Itapicuru) e Jeremoabo (no Vasa Barris). À medida, porém, que ia o gado ocupando, mais para o interior, o vale de São Francisco, tal caminho ia perdendo as vantagens. Outros novos começaram a ser preferidos, por Jacobina e Joazeiro. Eram caminhos sinuosos, acidentados, em função das pastagens, evitando as matas, as serras e desfiladeiros ou a catinga mais hostil.

Salvador continuava a ser atingida pelo Nordeste, através do caminho que a comunicava com a Casa da Torre, do famoso Garcia d'Ávila e seus poderosos descendentes. Em 1652, porém, a reabertura de um antigo caminho entre a Capital e Mata de São João fez a ligação definitiva entre o Recôncavo e o Sertão, pelo trajeto que receberia o nome de "Estrada das Boiadas", pela qual chegava o gado pelo Norte da cidade do Salvador, atingindo logo os currais da matança, então ali situados (proximidades da fortaleza do Barbalho).

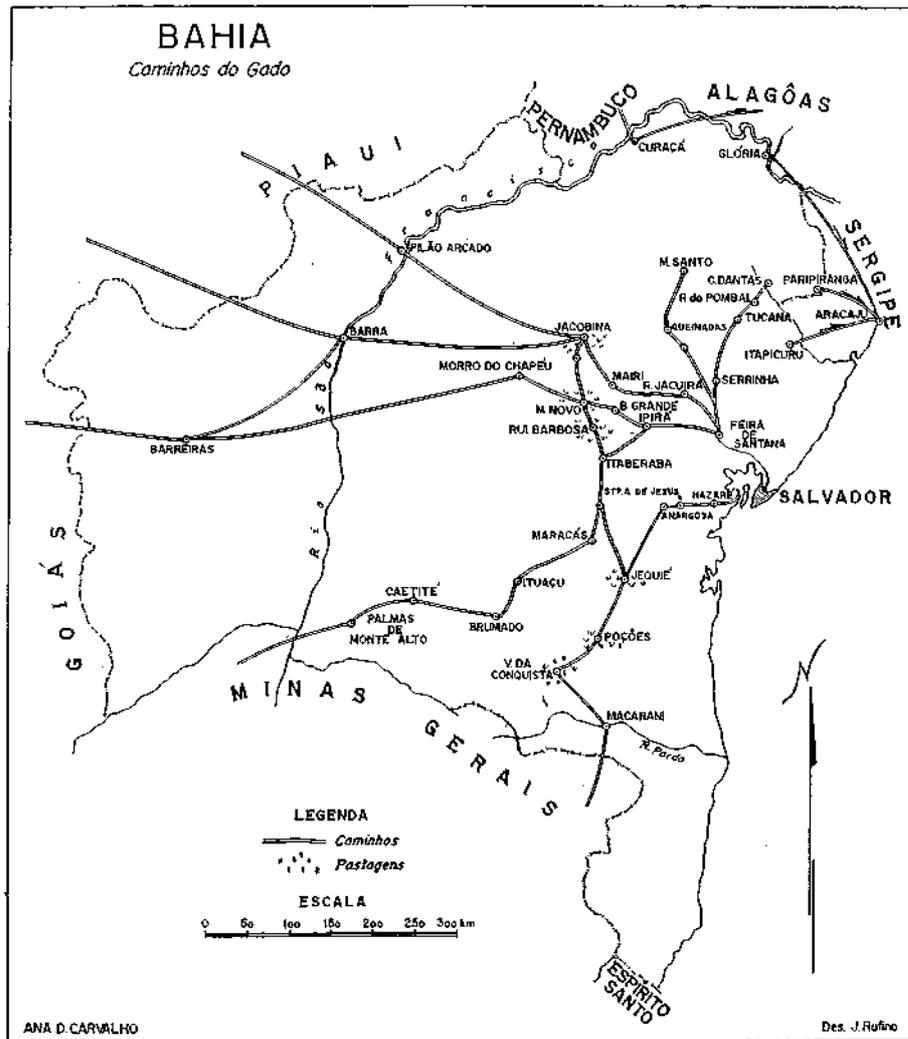
Com o corrêr do tempo, multiplicaram-se os caminhos, pois, não só a criação, ou melhor, a ocupação do gado, nas terras do sertão e vale do São Francisco, era cada vez maior, como foram surgindo as feiras, orientando as correntes, nêsse intercâmbio entre litoral e sertão.

Até 1860, eram muito grandes as caminhadas do gado que, proveniente de Minas Gerais, Piauí, Goiás e tôda a Bahia, passava por Feira de Santana em demanda de Salvador. Mas, em Feira, a concorrência dêsses animais com os provenientes de zonas próximas era desastrosa para os primeiros. Assim, as caminhadas diminuíram, pois em Conquista, Poções, Caetité, Ituaçu (Sul), Mundo Novo, Jacobina e Rui Barbosa (sertão), os criadores locais começaram a organizar fazendas de "sôlta", para engorda de tal gado vindo de longe. Seus proprietários, vendendo-os para êsses criadores, não só reduziam o caminho pela metade, como obtinham ofertas aproximadas às que conseguiriam se chegassem até Feira de Santana.

Decorrentes de tais circunstancias e complexidades, são as correntes do gado na Bahia. Rollie E. Poppino, em recente trabalho de pesquisa, realizado em 1953 (no seu livro *Princesa do Sertão: a história de Feira de Santana*), assim as descreve:

"Um dos mais antigos e conhecidos caminhos do gado partia da região leste do Piauí, através 400 milhas, até Jacobina. De acôrdo com a estação e as chuvas atravessava-se Joazeiro, Sento Sé ou Pilão Arcado. Em Jacobina, a estrada bifurcava-se. Um ramo continuava, por 150 milhas, através Mundo Novo, Baixa Grande e Camisão, na direção de Feira. Outro passava por Mairi, Riachão de Jacuípe e Tanquinho; 125 milhas aproximadamente.

O gado do Sul do Piauí e Norte de Goiás percorria mais de 450 milhas para chegar a Jacobina, via Barra. O do Norte de Goiás passava por Barreiras, indo se encontrar com as boiadas do Piauí, em Barra. Dêsse ponto, a maior parte das boiadas eram levadas, por Mórro do Chapéu, para as ricas invernadas de Mundo Novo e Rui Barbosa. Um dos mais compridos, de mais de 600 milhas, era o proveniente de Goiás e Norte de Minas para Feira de Santana. Habitualmente, o gado passava por Cachocirinha e Lençóis, até chegar a Maracajuba, entre Rui Barbosa e Mundo Novo. Aí se recuperava, antes de continuar para Feira.



*Caminhos do gado na Bahia.*

O gado do vale do São Francisco, em Minas, viajava quase 700 milhas até Feira, através um caminho bem definido, trilhado desde o início do século XVIII, pelos mineradores de ouro. Depois de atravessar o rio, acima de Carinhanha, a estrada passava pelas cidades de Palmas de Monte Alto, Caetité, Brumado, Ituaçu, Maracás e João Amaro. Daí, algumas boiadas seguiam, diretamente, para Itaberaba, enquanto o resto se dispersava pelos campos de engorda dos municípios vizinhos.

Um outro caminho tinha origem ao Norte de Minas, em Pedra Azul (vale de Jequitinhonha), cerca de 300 milhas ao Sul de Feira de Santana. Atravessando o rio Pardo, a estrada continuava na direção Norte, por Conquista, Poções e Jequié. Dali partiam dois ramos: um primeiro, para os municípios de Amargosa, Santo Antônio de Jesus, Nazaré e a região costeira ao Sul da baía de Todos os Santos. O segundo, mais longo, seguia para João Amaro, onde se confundia com o que vinha do vale do São Francisco. Quando já recuperado da caminhada, os animais das duas regiões continuavam até Feira, via Mundo Novo e Ipirá.

O gado do Norte da Bahia chegava a Feira por dois caminhos, de menos de 200 milhas cada um. Os animais da região de Queimadas, Monte Santo, Santaluz e Gavião, primeiramente seguiam para Conceição do Coité e depois para Tanquinho e Conceição da Feira. As boiadas de Ribeira do Pombal e Tucano atravessavam Araci, Serrinha e Tanquinho, a caminho de Feira.

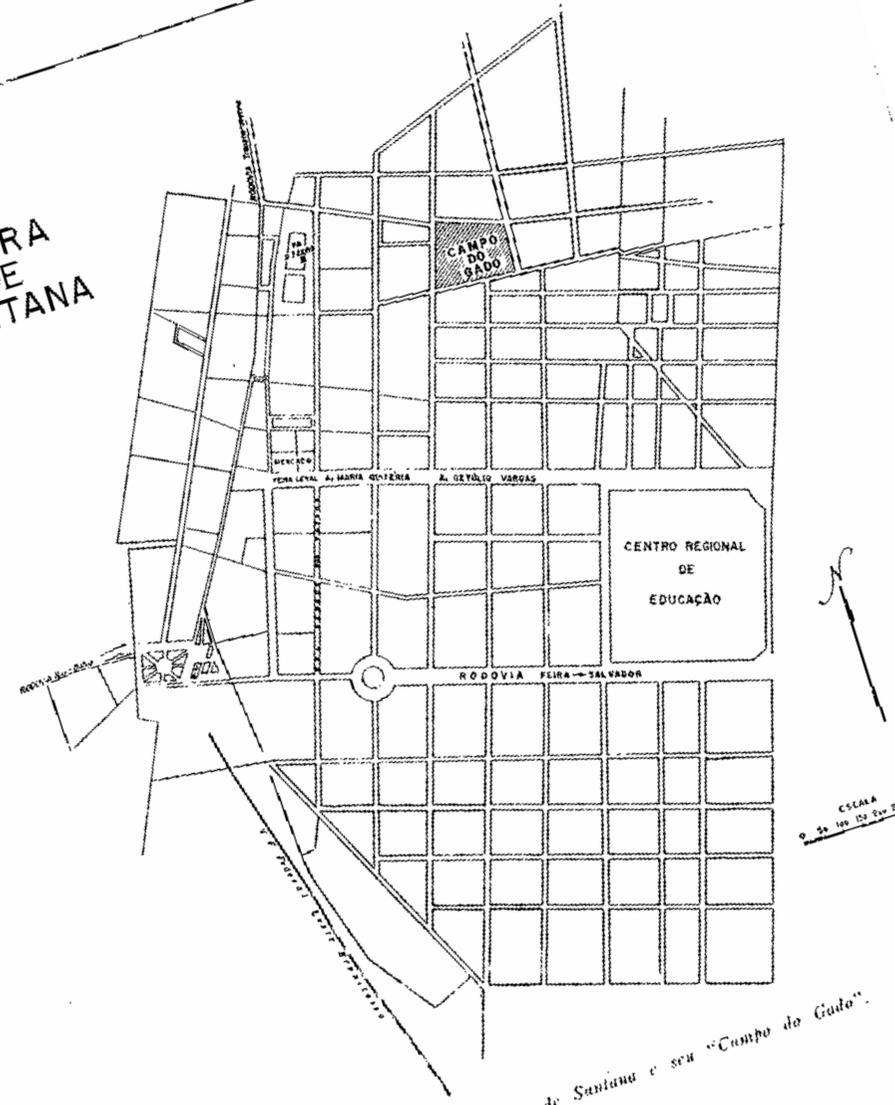
Os mercados de Sergipe, Alagoas e Pernambuco atraíam a maioria do gado que se criava ao longo da fronteira Nordeste da Bahia. De Itapicuru, Cícero Dantas, Glória e Paripiranga iam boiadas para Aracaju. De Curaçá, para Pernambuco e Alagoas".

Descreve, também, o citado autor uma viagem do gado proveniente do Norte de Minas (vale do Jequitinhonha) para Feira, em 1950. Percorria o gado, em média, 18 a 24 quilômetros diários, levando de Pedra Azul a Feira, mais ou menos, trinta dias. Geralmente, porém, a boiada ia apenas até Poções ou Jequié, sendo ali vendida para engorda nas internadas da região, onde ficava (ou em Mundo Novo) pelo menos um ano até ser levada a Feira. O gado do Norte de Minas e Sul da Bahia passava, às vezes, por seis proprietários diferentes, antes de alcançar Feira.

Impossível será, sem uma pesquisa muito demorada e longa, acrescentar algo mais ao que está exposto acima pelo autor americano. Poderíamos acrescentar uma comparação entre o traçado dos antigos e recentes caminhos do gado e as rodovias atuais, mas tal conclusão não cabe no presente trabalho que não passa de uma simples informação sobre o assunto.

**As feiras de gado.** — Numa visão geral, a Bahia, como o Nordeste, acha-se dividida, geograficamente, em duas regiões: o litoral e o sertão. Aquê, pelas suas condições de clima e solo, permitiu, facilmente, a agricultura desde o século inicial da colonização portuguesa. Este, também pelas suas condições naturais, zona semi-árida da catinga, somente acolheu bem a criação de gado. Daí

# FEIRA DE SANTANA



ANA D. CARVALHO

A cidade de Feira de Santana e seu "Campo do Gado".

Des. J. Rufino

as diferenças que, desde logo, surgiram entre o litoral agrícola e o sertão criador, diferenças essas que, no comércio do gado, originariam as *feiras*, tão comuns nessa parte do Brasil. Na faixa litorânea se concentrava a população e, portanto, estavam localizados os centros consumidores de carne; no interior o povoamento era mínimo e, conseqüentemente, o consumo. Assim, necessário se tornava conduzir o gado para um local onde fosse fácil o encontro entre compradores e vendedores: a feira.

O gado bovino, introduzido na Bahia antes de 1549, já atingira o Vale do São Francisco, no fim do século XVI, pelo litoral, partindo da sesmaria de Garcia d'Ávila, ao Norte de Salvador. Para chegar ao Recôncavo, que o consumia, tinha de percorrer a margem direita do São Francisco até a foz e, dali, com dificuldade, pelo litoral, atingir os arredores de Salvador, onde encontrava pastagens, aguardando os compradores. Surgiu, assim, a primeira feira de gado na Bahia — a de Capoame (depois Feira Velha e hoje Dias d'Ávila) —, umas oito léguas ao Norte de Salvador. Semanalmente, ali chegavam boiadas de cem a trezentas cabeças, havendo mesmo épocas em que chegavam diariamente. A população da Capital aumentava; a necessidade de carne crescia, proporcionalmente.

Capoame tornava-se cada vez mais importante no comércio do gado. Bem perto, porém, estava o grande concorrente na economia regional — a cana de açúcar.

No século XVII, o Recôncavo quase tódo a ela se dedicava; os criadores foram até, por lei, obrigados a procurar pastagens para o gado, no interior. Assim, enquanto recuavam os criadores, avançavam os agricultores da cana. No fim do século XVIII, já os bons pastos antigos de Capoame achavam-se transformados em canaviais. Desde o princípio do século, novas feiras vieram a aparecer, mais para o interior: Nazaré, Conceição da Feira e Feira de Santana.

Durante certo tempo, coube à primeira o papel mais relevante; porém, as dificuldades para atingir Salvador fizeram-na decair desde logo. Para chegar à Capital havia dificuldades: as boiadas teriam que dar a volta em tóda a baía de Todos os Santos ou embarcar em pequenos veleiros. As despesas eram grandes; os inconvenientes ainda maiores e, para escapar a prejuizos, os fazendeiros preferiam encaminhar seu gado via Feira de Santana (1).

**Feira de Santana e sua evolução.** — Em 1609, a área do atual município de Feira de Santana (a então sesmaria de Tocos), foi doada a Antônio Guedes de Brito, um dos maiores criadores

(1) Cf. POPPIKO (Rollie), *Princesa do Sertão (A história da Feira de Santana)*.



Foto N.º 1 — Além do gado bovino (que constitui o principal produto da feira de gado), negociam-se em Feira de Santana também cabritos, jumentos ("jégues"), cavalos e carneiros (Foto Melo Rodrigues — 1957).

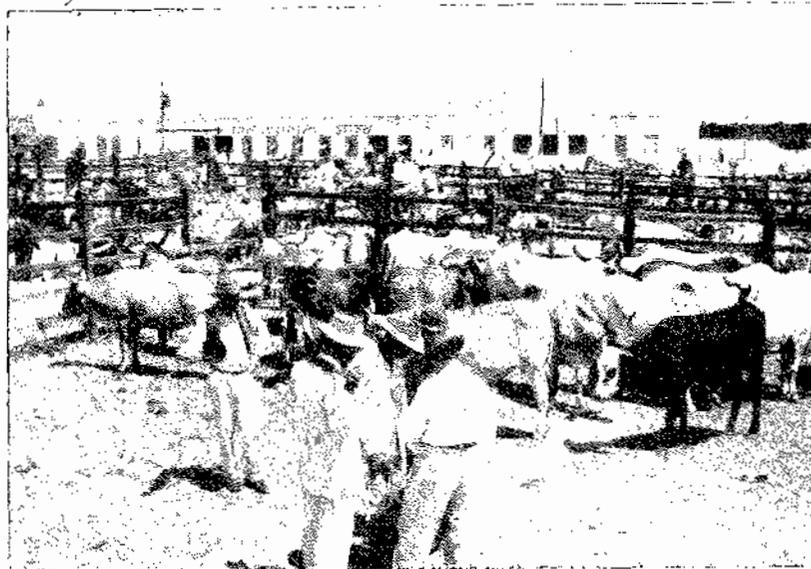


Foto N.º 2 — Um dos currais do "Campo do Gado", em Feira de Santana, com um lote de bovinos. No primeiro plano, entabula-se o negócio (Foto Araújo Filho — 1957).

de gado na época. Até meados do século XVII, não foi explorada, mas, como decorrência da proibição de pastagens no Recôncavo, no mesmo século, começa a se desenvolver ali a criação de gado, multiplicando-se os ranchos de gado na região. Quando a sesmaria reverteu à Coroa portuguesa, muitos criadores receberam terras, começando, assim, a aparecer, nas fazendas maiores, pequenas aglomerações, sobretudo naquelas cuja situação, na margem ou proximidade dos caminhos entre o interior e a Capital, facilitava o comércio com a mesma. Uma dessas fazendas privilegiadas, localizada na principal estrada do gado (a "Estrada das Boiadas"), era *Santana dos Olhos d'Água*, considerada, na região e nessa época, como uma grande propriedade (quase uma légua de comprimento e meia de largura). Pertencia a Domingos Barbosa de Araújo e Ana Brândoa, portugueses, cujo catolicismo desde logo os levou à construção de uma capela em homenagem a São Domingos e Sant'Ana. Em torno do templo surgiram os casebres de rendeiros e as senzalas dos escravos; logo a pequena povoação (arraial de *Sant'Ana da Feira*) começou a constituir-se centro de comércio, pois, imediatamente, tornou-se pouso do gado que, proveniente do alto sertão da Bahia, Goiás e Piauí, dirigia-se ao porto de Nossa Senhora do Rosário de Cachoeira, em demanda de Salvador (2). Enquanto descansavam as "tropas", a vendagem dos produtos básicos de alimentação se impunha, para abastecimento dos tropeiros, vaqueiros e boiadeiros. Era a origem da *feira*; era também o início da cidade. Com o correr do tempo e a intensificação das atividades comerciais e dos transportes, a cidade crescia, passando a reunir, semanalmente, duas *feiras*: a do gado e a dos produtos regionais, que até hoje persistem. Algumas razões bem vitais concorreram para isso.

A localidade, além de situada no caminho mais direto entre o Recôncavo e as pastagens do interior (sertão e zona do São Francisco), dispunha de excelentes pastagens naturais, sendo cortada por dois rios (Pojuca e Jacuípe) e numerosos riachos, fornecedores de água bastante para milhares de cabeças de gado; fator esse muito importante, numa área sujeita a secas periódicas.

Lentamente, a feira foi crescendo em importância. No século XVIII, era mais de interesse local, sendo pouco conhecida até o início do XIX. Mas, já em 1819, dava nome ao povoado e nos anos seguintes seu crescimento foi cada vez mais rápido.

Em 1825, José Joaquim Arnizau, num relatório para o Governo, refere-se a Feira como "o grande e populoso povoado de Santana dos Olhos d'Água, onde, às terças-feiras de cada semana, três mil a quatro mil pessoas se reúnem"... Em 1828, já era considerada

(2) O caminho entre Feira e a Capital só veio a ser utilizada a partir de 1652.

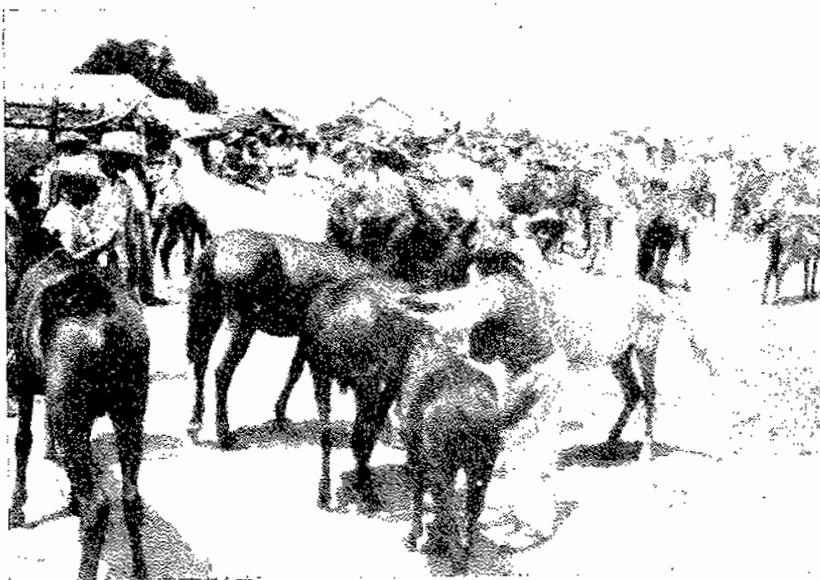


Foto N.º 3 — Lote de cavalos, de vários tipos, à espera de compradores, na feira semanal de Feira de Santana (Foto Melo Rodrigues - 1957).

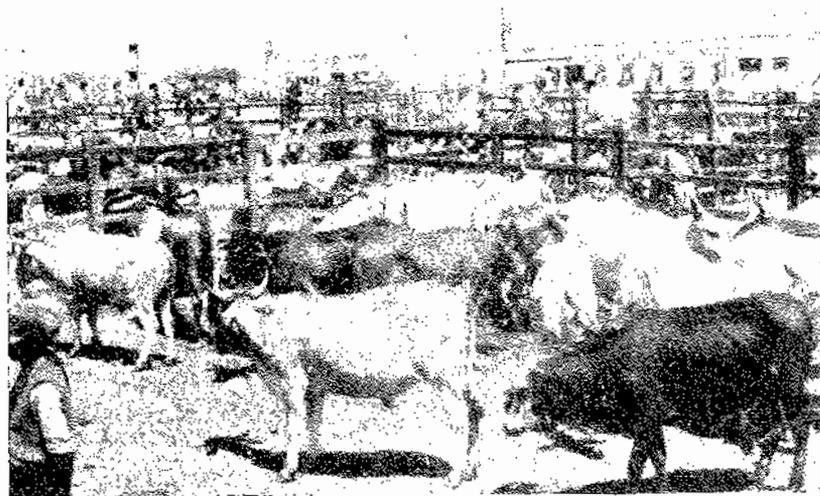


Foto N.º 4 — Um dos currais do "Campo de Gado", em Feira de Santana, com os lotes de bovinos expostos ao exame dos interessados (Foto Araújo Filho - 1957).

a maior feira de gado da província da Bahia. Em volume e valor total de negócios, ainda era superada por Nazaré e Conceição da Feira, mas em movimento de gado se tornara superior a ambas (3).

Cada vez mais crescia em importância e centralizava o comércio do gado. Os fazendeiros e criadores, por seu lado, cada vez mais poderosos, mandavam e desmandavam na área. Assim, fatores de ordem econômica e razões de ordem política se reúnem, determinando, em 1833, a criação do município e a conseqüente supervisão direta do governo. Houve, então, grandes modificações, que, sucessivamente, dariam à feira sua fisionomia e estrutura atuais.

**As feiras de Feira de Santana.** — Nos dias que correm, realizam-se, às segunda-feiras, duas *feiras* perfeitamente distintas: a do gado e a das mais variadas mercadorias, provenientes da circunvizinhança ou do longínquo sertão, e procuradas pelo Recôncavo. Houve época, porém, em que se realizavam nas terças-feiras, ou seja, do primeiro quartel do século XIX até 1854, quando, afim de apressar a ida do gado para a Capital, a Câmara Municipal decidiu pela sua realização na segunda-feira, isto desde 25 de dezembro de 1854.

No domingo, à noite, a cidade começa a viver uma vida diferente da dos outros dias da semana e a vêr alterar-se seu aspecto. Desde a tarde, vão chegando os feirantes com as suas mercadorias. Vêm a pé, de burro, em caminhões; vão-se acomodando no cruzamento das ruas principais e mais centrais. Na segunda-feira, então, desde a madrugada, a cidade se modifica inteiramente, pois, além do intenso movimento comercial, há o lado pitoresco e típico. Toda a espécie de acertos e interêsses é realizada nessas horas. O comércio tem o seu "clímax" e cada indivíduo, da terra ou de fóra, procura ganhar dinheiro como pode. Encontra-se desde o comerciante ou fazendeiro mais abastado ao vendedor humilde de pequenos produtos caseiros; do mais trabalhador e ativo, às "ciganas" que adivinham a sorte, mendigos e cegos-cantadores de viola. Misturam-se, regateando *breços*, na feira geral, ricos e pobres, habitantes da cidade e regiões próximas; desde algumas donas-de-casa abastadas de Salvador, que superlotam seus carros de produtos mais baratos para o consumo da semana, às despreocupadas mocinhas do interior, com as faces pintadas com a tinta viva do papel vermelho.

Sôbre a calçada, encontram-se, geralmente, frutas, ovos e grande quantidade de aves, obedecendo, apesar da desordem reinante, a uma certa localização para cada tipo de mercadoria.

(3) Cf. POZZINO (Rollie), obra citada.



Foto N.º 5 — Junto à feira de gado de Feira de Santana, são expostos à venda arreios, mantas, balseiros, caronas, chapéus de couro, coletes de pele de onça, etc. (Foto Araújo Filho — 1957).



Foto N.º 6 — Novo aspecto de um dos currais da feira de gado de Feira de Santana (Foto Melo Rodrigues — 1957).

Dentro do mercado, contíguo, o movimento é intenso, em busca do requêijão, da manteiga, farinha, carne-de-Sol. Aqui tudo é pesado. Lá fóra o preço é por unidade ou com base nas medidas especiais dos vendedores; mas nada exclui o velho costume de regatear e discutir o preço. Para comprar qualquer coisa conversa-se muito e, no final, a redução pode ser pequena, mas o comprador, pelo fato de a haver conseguido, sai astisfeito para a próxima compra.

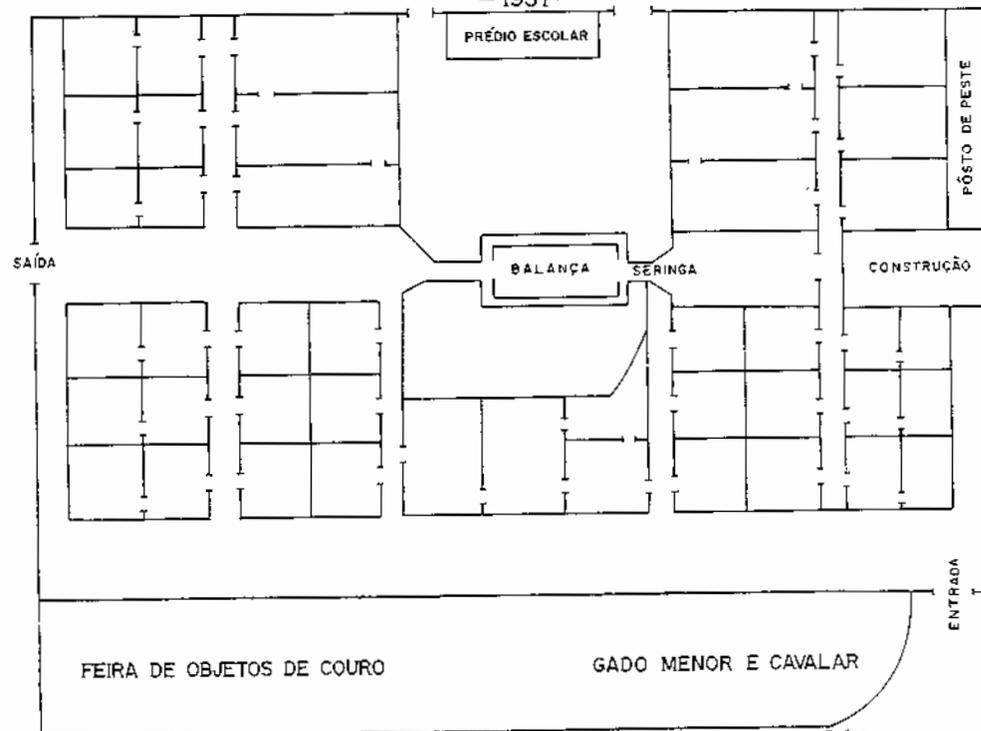
**A feira de gado.** — Mais para o Norte, a pequena distância da feira geral (cêrcã de 600 metros), reúne-se a feira de gado, entre os atuais ruas Geminiano Costa, Aloisio Rezende, Padre João Barbosa e Santos Dumont (veja planta da cidade). Constitui-se de um conjunto ordenado e característico: o *campo do gado* que, abrangendo uma vasta área, é constituído de 43 currais-modêlo, cercados de madeira, bem construídos e unidos por corredores de ligação. Pode abrigar cêrcã de três mil cabeças, no dia da feira.

No centro do campo, cercada pelos currais, está a *balança*, compartimento móvel, com dez metros de comprimento por três e meio de largura, aproximadamente, que se abre para dois lados, um para entrada dos animais, a "seringa", outro para a saída, depois de verificado o pêso do lote. Tem capacidade para cinquenta toneladas, podendo conter até sessenta animais. Centraliza o movimento comercial da feira, pois é o local das maiores transações e acêrtos. Atrás dos cercados, e ainda fazendo parte do "campo", efetua-se uma vendagem típica de objetos de couro para uso dos vaqueiros no vestuário e montaria, bem como uma pequena feira de gado menor e cavalar. Todo o conjunto é cercado por muro alto pelos lados Sul e Leste, havendo nos outros apenas cêrcas de arame e estacas. Consta que, desde 1853, o comércio do gado passou a não poder ser feito dentro da vila, mas, tão sómente, no "campo do gado" — os campos da Gameleira — a cêrcã de um quilômetro para o Norte da primitiva capela de Sant'Ana. Em 1838, já a Câmara Municipal o designava, oficialmente, como o local adequado para a feira do gado, cobrando-se a multa de dois mil reis a quem, dali por diante, fizesse comércio fóra dos seus limites. Ficava tal campo situado onde é hoje a Praça D. Pedro II. Decorreria um século para que novas modificações fossem introduzidas, pois, só entre 1938 e 1942 os atuais currais-modelo, cercados, substituíram o anterior campo aberto, com a localização atual. A balança também é recente, pois só foi instalada em 1926, pelo Governo Municipal.

# FEIRA DE SANTANA

*Campo do Gado*

- 1957 -



Ano D. Carvalho

Des. J. Rufino

Na segunda-feira, logo cedo, inicia-se a vendagem. A maior parte do gado é vendida na "balança", ou melhor; ali é arrematado, pois, quase sempre, quando a ela chega já está comprado. Entram os animais, no compartimento que a constitui, aos empurrões, assustados, tangidos pelos vaqueiros, para serem pesados em conjunto, diante dos fiscais e arrecadadores do Município. Mas êste é apenas um dos aspectos. Nos corredores e currais do "campo", o gado é examinado pelos compradores, os acêrtos são feitos, na base da palavra, fugindo à "balança", sob a vigilância dos vaqueiros que, com sua típica indumentária de couro, sentados sobre as altas cêrcas divisórias (mais de 2 metros), nada deixam escapar, desde os animais impacientes até um máu negocio.

O gado, na sua totalidade, chega a pé em Feira de Santana, desde o domingo. Há falta de transporte e, além disso, é mais barato e seguro entregar a boiada a um grupo de vaqueiros ou boiadeiros (em média oito a dez bois sob a responsabilidade de um homem), que ganham pouco para conduzir os animais, permitindo, assim, maiores lucros aos proprietários. Como exemplo: o transporte do gado para Salvador representa a despesa de Cr\$ 15,00 por cabeça, durante os três ou quatro dias de viagem.

Tôdas as tentativas de transportá-lo por estrada de ferro falharam sempre, como adiante veremos, pelas próprias deficiências do sistema ferroviário local. Mesmo o transporte de Feira para Salvador sofre das mesmas desvantagens. Durante algum tempo, em 1940, tentou-se usar a estrada de ferro e, em 1942, foi mesmo criado um serviço direto. Mas, três anos se passariam sem que os negociantes do gado se valessem de tal organização: ainda tentaram, em 1945, mas a estrada dispunha apenas de dez carros com a capacidade de transportar 780 cabeças em sete dias, quando Salvador, desde 1940, consome mais de mil por semana. Além disso, ficavam as boiadas sujeitas à irregularidade dos trens, sem alimento ou água, o que causava grandes prejuizos. Assim, com o término do contrato, em 1949, todo o gado passou, novamente, a viajar a pé para Salvador.

O movimento das grandes boiadas em Feira de Santana, desde o domingo pela manhã até a terça-feira logo cedo (quando deixam o "campo" as últimas, não vendidas), constitui um outro aspecto bem típico e regional, dando às ruas da cidade um colorido e movimento todo especial, nesses dias de cada semana.

**O comércio do gado.** — Não se sabe, com certeza, o número de cabeças vendidas, semanalmente, na Feira, até 1880. Calcula-se, porém, que, depois de 1850, seria igual a 50 000, aproximadamente, o total de bovinos durante o ano. No "inverno", a

média seria superior a 1 000 por semana, enquanto pelas chuvas de "verão", com a chegada das grandes boiadas do alto sertão, Goiás e Piauí, eleva-se a 10 000 por mês.

No fim do século, o número teria diminuído, em consequência de uma grande seca, para subir, novamente, em 1910. Depois dessa época, cerca de 60 000 cabeças de gado passaram por Feira, anualmente (4). No século XX, os dados já são mais precisos. Em 1923 — 92 376 cabeças e, em 1929, mais de 100 000. Até 1940, houve declínio, também ligado a uma grande seca, bem como à crise internacional de 1930.

Em 1950, o número elevou-se a quase 115 000, para descer, em 1953, a 60 000 e, em 1956, a 43 882.

#### GADO BOVINO ENTRADO NA FEIRA SEMANAL DE FEIRA DE SANTANA

Ano:	Por semana:	Por ano:
Depois de 1850	1 000	50 000
" de 1910	1 100	60 000
1923	1 776	92 376
1929	1 996	103 821
1931	1 868	97 140
1950	2 288	115 000
1953	1 100	60 000
1954	985	51 222
1956	914	43 882
Jan. e Fev.º 1957	700	.

Embora a *feira* seja hoje, e sempre tenha sido, quase absolutamente de gado bovino, há também uma pequena vendagem de cavaleares, muares, ovinos etc. Sobretudo a feira de mulas já teve sua época, quando a falta de transporte mecânico as colocava, junto aos cavalos, em primeiro plano nas comunicações e transporte de mercadorias. Nos últimos quinze anos, o número de muares e asininos, bem como de caprinos, apenas chegava a cerca de 2 000 por ano; os carneiros têm comparecido, em média, de 4 000 a 8 000, anualmente. Os cavalos são em número cada vez mais reduzido.

O gado suíno sempre foi muito ligado à alimentação, de modo que é vendido, em quantidade mínima, na feira geral, ao lado de aves e outros variados produtos caseiros.

(4) Cf. POPPIKO (Rollie), obra citada.

Explica-se a queda no comércio de bovinos a partir de 1953; é fato que decorre, principalmente, da melhoria das comunicações e do desenvolvimento pecuário na zona do sudoeste baiano (Macarani, Poções, Vitória da Conquista, Itambé, Itapetinga e Jequié); desde que, pela melhoria e construção de estradas, Jequié passou a abastecer diretamente Salvador, começou o grande desenvolvimento do Sudoeste, em contraposição à decadência de Feira de Santana. Esse progresso rápido da citada região tem em Itapetinga seu principal centro, graças à sua posição geográfica, a meio-caminho e pouso obrigatório entre Vitória da Conquista e Ilhéus. Assim, divide-se o comércio do gado em terras baianas. Feira de Santana continua a ter importância grande, porém não mais absorvendo todo o comércio de gado do Estado e regiões circunjacentes.

O tipo de bovinos vendidos variou bastante desde o início da feira até hoje. Até fins do século XIX, o que se encontrava era o gado cruzado de várias espécies ibéricas e outras regiões da Europa, gado esse que fôra introduzido na Bahia nos séculos XVI e XVII. No princípio do século XX, porém, os criadores mais abastados começaram a fazer experiências com o zebu e, já em 1920, eram muito difundidas as suas variedades (Gir, Nelore e Guzerat).

Em 1950, a predominância cabia ao gado mestiço do tipo curraleiro, creculo ou caracu com os reprodutores zebu puro sangue, especialmente o gado para o córte.

Também variaram os métodos de vendagem através dos tempos. Ainda bem no seu início, quando o gado era muito, usava-se o leilão. Eram comuns os famosos "atravessadores", que auferiam os maiores lucros e controlavam tôdas as transações na feira semanal. Compravam o gado antes de chegar a Feira de Santana, pelos caminhos, ou combinavam, na cidade, o preço que seria oferecido aos vendedores. Estes, geralmente, ante a perspectiva da volta dos animais para a fazenda, os vendiam a qualquer preço oferecido. Era uma prática comum nos tempos coloniais e que chegou mesmo, em 1859, a constituir uma das sérias preocupações da Câmara Municipal. Com o correr do tempo, foram desaparecendo e, atualmente, não mais existem.

Em 1926, foi instalada a "balança" pela Prefeitura do Município, acarretando sensíveis transformações no comércio do gado. Este entra no "campo" com 24 horas de antecedência do momento de ser pesado, quando o comprador só paga 50% do valor equivalente ao peso real, desconto esse referente aos ossos, vísceras etc..

No caso, porém, da pesagem ser feita antes de se completarem 24 horas desde a chegada dos animais ao "campo" (onde ficam sem comer ou beber), descontam-se, além dos 50%, uma percentagem de 6 a 10% ou uma arroba, acerto sempre feito, no momento, entre

vendedor e comprador. É sempre vendido a pêso, na "balança", o gado que se destina aos matadouros de Salvador e do Recôncavo. Para o comprador do sertão ou mesmo do Município, que adquire para engorda, continúa a ser vendido por cabeça e, geralmente, sem passar pela "balança". É o negócio "a olho"; só recorrem à "balança" em caso de dúvida, como "tira-teima". Há, porém, peritos conhecedores, capazes de, num simples e rápido golpe de vista, calcular, com relativa exatidão, o pêso de um animal. Efetuado o acerto, o comprador leva o gado, tendo um prazo de 30 dias para realizar o pagamento. Até hoje, essa praxe é tão usada e comum que fica mal visto aquêle que exige pagamento imediato.

Atualmente, segundo informações de comerciantes, fiscais e agentes de estatística, está se tornando comum o comércio do gado para engorda, nas fazendas ou invernadas próximas, para fugir ao desconto dos 50% na "balança" e aos inconvenientes da viagem até Feira de Santana. Esse é outro fator que pode explicar a decadência do movimento comercial do gado.

O contróle do movimento da feira cabe ao Município, na maior parte. A chegada das boiadas é registrada por quatro postos fiscais localizados nos seus caminhos. O primeiro, na estrada Transnordestina (o chamado "Minadouro"); outro, na Rio-Bahia; um terceiro, em Traripe; e o último, no km. 4 da estrada que leva a Itaberaba. Nessas passagens, a administração estadual cobra uma taxa de 5% sobre o preço do boi e de engorda e 4% sobre o de criação. Se, porém, não for vendido na feira e voltar, recebe uma guia, documento que lhe assegura a passagem gratuita na próxima semana. Antes, no tempo do campo anterior, podia permanecer "semanado" ou "asemanado" no campo, no perímetro da feira, aguardando a próxima segunda-feira. Hoje, vai para os pastos situados a cerca de um quilômetro de distância da cidade.

Para o contróle de tal movimento há um fiscal de rendas e um arrecadador do Estado. Entrando em Feira de Santana, passa o gado para a alçada do Município. Na entrada dos "currais", há o porteiro, que registra a hora, sendo efetuada a cobrança Cr\$ 2,40 por cabeça. Posteriormente, na "balança", o fiscal municipal arrecada mais Cr\$ 2,00 por unidade.

#### O comércio do gado em Feira de Santana e seus problemas.

— Com o passar dos anos, sérias ameaças pesaram sobre Feira de Santana. O abandono de antigos caminhos e a construção da estrada de ferro do São Francisco (de Salvador a Joãozeiro) passando por Alagoinhas (1864), muito gado, que antes ia para Feira de Santana, passou a ir, diretamente, para a Capital, usando o transporte ferroviário. Naquele mesmo ano de 1864, mais de 2000 ca

beças viajaram pela nova estrada de ferro e, três anos mais tarde, esse número elevou-se a 10 000. Mas, a quantidade que escapava à feira não foi tão grande quanto se temia. A estrada progredia muito lentamente; durante vinte anos, só conseguiu chegar até Serriinha e, mesmo depois de alcançar Joãozeiro, não ultrapassava de 10 000 anualmente (salvo raras vezes), o número de cabeças que transportava. As vantagens da estrada de ferro não se fizeram apreciar, desde que diminuiam à medida que aumentava a distância da Capital. Na prática, o transporte ferroviário só beneficiava os criadores cujas fazendas não estavam muito distantes de Salvador, pois as condições da viagem (sem alimentação), sua irregularidade, juntando-se aos altos fretes, contribuíam para que os criadores da parte Norte do Estado, mais distantes, preferissem continuar mandando suas boiadas, mesmo a pé, para Feira de Santana, conduzidas pelos vaqueiros.

Também a Estrada de Ferro Central da Bahia falhou na tentativa de atrair o gado do vale do Paraguaçu. A linha terminava em Cachoeira e teria o gado que tomar transporte marítimo para atravessar a baía e chegar à Capital.

No fim do século XIX, a ameaça das estradas de ferro ao comércio de gado de Feira passara e, assim, permaneceram, como permanece até hoje, os métodos rotineiros da viagem do gado a pé.

Em meados do século XX, novas ameaças. Três lugares desafiaram a liderança de Feira de Santana como supridor de gado dos mercados de Salvador e do Recôncavo.

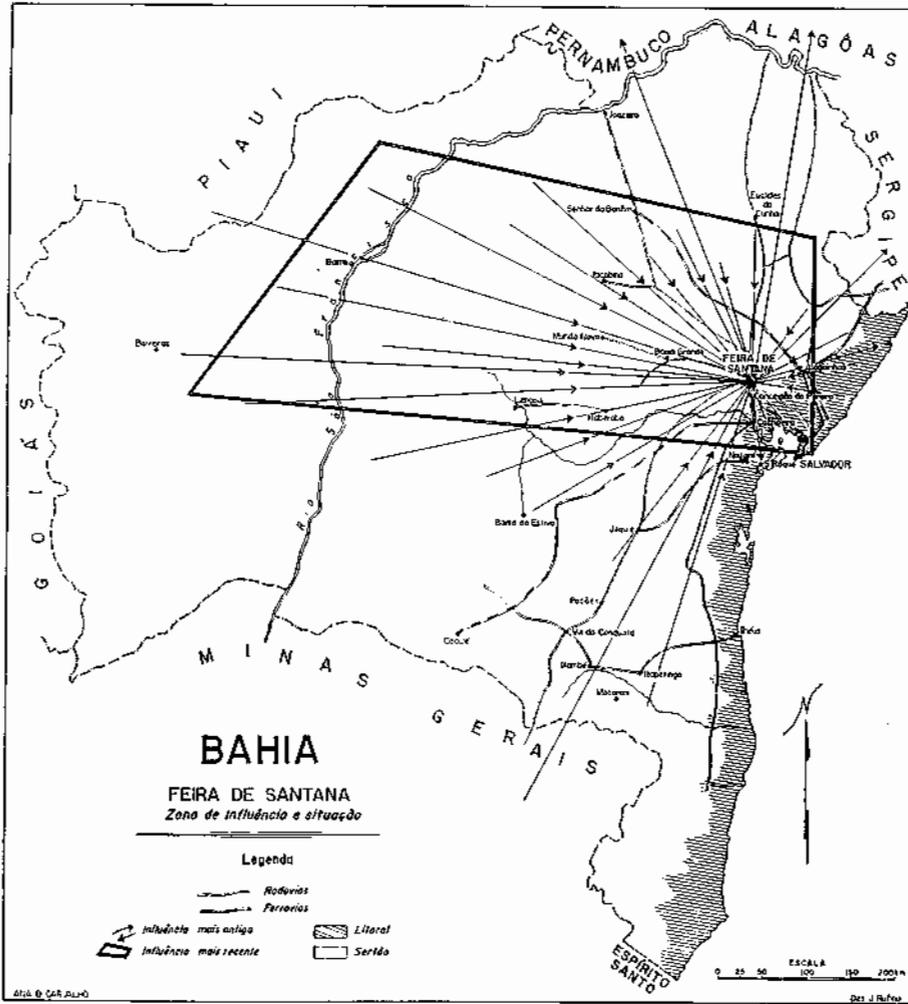
Bonfim, desde 1925, passou a reunir uma feira de gado, que pretendia atrair as boiadas do Piauí e Norte da Bahia. A distância do principal mercado e a indiferença, bem justa, dos criadores em relação ao transporte ferroviário (que seria o indicado para conduzir o gado dali para Salvador) impediram seu crescimento.

O número de cabeças raramente excedia a 10 000 por ano e não poderia ser comparado ao movimento de Feira de Santana na mesma época. Foi uma feira de duração efêmera.

#### GADO BOVINO ENTRADO EM BONFIM E FEIRA DE SANTANA

	1926	1927	1928	1929	1930	1931
Bonfim	11 879	6 058	10 247	7 014	3 934	3 487
Feira	72 684	92 861	93 719	103 821	99 410	97 140

(Fonte: Mário Ferreira Barbosa — *Economia e finanças e Aspectos econômicos e financeiros do Estado da Bahia* — Imprensa Oficial do Estado — 1931-1932).



Feira de Santana e sua área de influência econômica.

Em 1948, nova ameaça se apresentaria, com a construção, pelo Governo do Estado, de um matadouro em São Roque. Era pensamento das autoridades competentes modificar o sistema de abastecimento de carne à Capital. Desde o tempo inicial, das feitorias, o gado sempre chegara em pé, sendo morto nos matadouros locais de Salvador e cidades consumidoras do Recôncavo. A mudança consistiria em diminuir as viagens, trazendo para os centros de consumo o gado já abatido.

Os problemas da distância, transporte e, mais que tudo, da falta de um frigorífico em São Roque, inutilizaram a tentativa. Depois de alguns meses, tudo não passava de um projeto, sem possibilidades de realização na prática.

Outro desafio, embora de curta duração, foi aquele da instalação de um matadouro em Barreiras, em 1945. Em 1949, chegava carne, por via aérea, do extremo oeste da Bahia para Salvador e até Rio de Janeiro. Fracassou, como não podia deixar de ser. As distâncias eram muito grandes para transportar o gado abatido por via terrestre e o transporte aéreo era muito dispendioso.

Mais graves, porém, porque resultariam em algo duradouro, foram as preocupações que, desde 1942, o Governo do Estado alimentava sobre a construção de um grande frigorífico para suprir Salvador. O lugar teria que ser escolhido tendo em vista a facilidade de acesso para as zonas pastoris do interior, as ligações rodoviárias e ferroviárias com os mercados consumidores, além da facilidade de um sistema de energia elétrica na área, bem como pastagens abundantes. Em 1951, ficou resolvida a localização em Conceição da Feira, mas, já agora, está, definitivamente, acertada sua construção em Feira de Santana.

Feira de Santana conseguiu vencer tôdas essas dificuldades e ameaças ao seu grande comércio de gado. Uma, porém, e bem recente, tem conseguido diminuir sua importância: o desenvolvimento pecuário do Sudoeste do Estado, que vem descentralizando o movimento comercial de Feira de Santana e modificando sua zona de influência, sensivelmente.

**Zona de influência da feira de Feira de Santana.** — Com o desenvolvimento da, anteriormente citada, nova zona pioneira do Sudoeste, Feira de Santana atravessa uma fase de transformação de sua até então zona de influência. Até bem poucos anos abrangia uma área enorme, tanto em relação à proveniência do gado, como no tocante às zonas abastecidas. Justamente a região do planalto meridional, agora sob a atração de Itapetinga, era a maior fornecedora ao comércio de gado de Feira de Santana. O Norte e Nordeste sempre contribuíram com quantidades menores, dada a

influência da feira de Arcoverde, em Pernambuco, atraindo o gado, de Canudos para o Norte.

Desde 1950, perdeu Feira de Santana sua situação privilegiada como o principal criador do Estado. Já em 1920 vinha sendo ultrapassada por Conquista (com mais do dobro), Mundo Novo e Santo Sé, que, naquele mesmo ano, estavam à frente com 8 000 e 4 000 cabeças, respectivamente.

Em 1950, Maçaraní e Poções também lhe tomam a dianteira. Isto se deve, certamente, não só ao cada vez maior incremento dado à agricultura, no município de Feira de Santana, como aos métodos de comércio em prática na zona do Sudoeste, com sede em Jequié. A organização de uma cooperativa, para as transações comerciais em torno do gado, muito animou os fazendeiros no desenvolvimento pecuário da região.

Em presença de tais fatos e pela análise do movimento comercial do gado através de Feira de Santana, em 1955, poderemos estabelecer sua atual zona de influência. Naquele ano, segundo dados estatísticos fornecidos pelo IBGE, registraram-se 66 701 entradas de gado, com a seguinte proveniência:

Centro-oeste (sertão) da Bahia .....	33 970
Zona de Feira de Santana .....	23 822
Recôncavo .....	2 932
Nordeste do Estado .....	2 519
Norte do Estado .....	2 296
Sudoeste do Estado .....	926
Minas Gerais .....	160
Sul do Estado .....	75
Total .....	66 701

*Tal número de cabeças foi vendido em parte (46 992) para:*

Recôncavo .....	39 871
Feira de Santana .....	3 478
Sergipe .....	894
Pernambuco .....	865
Nordeste da Bahia .....	784
Oeste da Bahia .....	539
Alagoas .....	487
Sudoeste da Bahia .....	74
Total .....	46 992

Evidente é a grande contribuição do centro-oeste e da própria área circunjacente a Feira de Santana (57 792 cabeças), seguindo-se-lhe o Recôncavo, Norte e Nordeste do Estado, todos com contribuição superior a 2 000 cabeças, no ano de 1955. De Salvador para o sul, foi mínima a quantidade em relação às áreas supra-citadas.

Quanto às áreas abastecidas ou consumidoras, cabe ao Recôncavo o primeiro plano (recebeu 39 871 cabeças), seguindo-se a própria região de Feira e os mercados do Norte e Nordeste da Bahia.

Isso nos leva a afirmar que, atualmente, Feira de Santana funciona como entreposto entre o centro-oeste, o Recôncavo e as regiões setentrionais. Os mercados do Sul e Sudoeste estão cada vez mais sob a influência de Itapetinga e Jequié, reduzindo assim a concentração anterior do comércio do gado em Feira de Santana.

**Conclusões que se impõem.** — Como claramente se percebe, o comércio do gado de Feira de Santana está, intimamente, ligado, em sua origem e desenvolvimento, à sua posição geográfica em ligação com a rede de comunicações. Nessa particularidade de ser o entrosamento entre zonas distantes produtoras e o Recôncavo consumidor repousa a formação e o progresso do atual organismo urbano, bem como da *feira* que lhe deu o nome e razão de ser, cujo rápido desenvolvimento provocou a decadência e o abandono de Capoeira e outras feiras antigas ou recentes.

Feira de Santana venceu tôdas as outras feiras de gado, bem como as ameaças que enfrentou, no decorrer dos seus dois séculos e meio de existência, devido à essa mesma situação privilegiada.

Há uns quinze anos, a área de influência da feira de gado de Feira de Santana vem se restringindo. Seus limites atuais abrangem todo o sertão, vão até o município de Euclides da Cunha, mas pouco alcançam o Sul e Sudoeste.

Essa decadência de Feira de Santana deve-se, não só ao desenvolvimento pecuário da zona Sudoeste do Estado, como também aos novos processos de comércio através de cooperativas, com sede em Jequié.

Apesar da vida urbana de Feira de Santana estar se tornando mais integral e complexa, pelo desenvolvimento de outras funções, além do comércio do gado, este ainda representa o maior movimento do Município. Em 1950, o movimento total orçou em Cr\$ . . . . . 125 000 000,00, dos quais o gado representou Cr\$ 75 000 000,00).

Feira de Santana é hoje uma cidade de transporte, elemento essencial ao qual estão intimamente relacionados não só o próprio comércio do gado, como as demais funções da cidade.

#### BIBLIOGRAFIA

- ABREU, Capistrano de — *Caminhos antigos e povoamentos do Brasil* — Ed. da Soc. Cap. de Abreu — 1930.  
ANTONIL, André João — *Cultura e opulência do Brasil, 1711* — Ed. Melhoramentos — S. Paulo — 1923.

- ARNIZAU, J. Joaquim Almeida e — *Memória topográfico, histórica, comercial e política da vila de Cachoeira da província da Bahia*. — Rev. do Inst. Hist. e Geográfico Brasileiro, XXV — 1862.
- AZEVEDO, Thales de — *Povoamento da Cidade do Salvador* — Pref. Municipal do Salvador — 1949.
- BARBOZA, Mario — *Aspectos Econômicas e Financeiros do Estado da Bahia* — Imp. Oficial — 1931. *Economia e Finanças* — Imp. Oficial — 1932.
- BRITO, João Rodrigues de — *A economia brasileira no alvorecer do séc. XIX*. COVA, Guimarães — *Municípios da Bahia* — 1913.
- FREIRE, Felisberto Caldeira — *História territorial do Brasil* — Rio — 1906.
- KELER, Elza Coelho de Souza — *Feira de gado* — R. B. G. — ano VIII n.º 3 — 1946 — *Bahia*, Livret Guide n.º 6 — XVIII — Cong. Internacional de Geografia — 1956.
- PEREIRA, Dionísio — *Indústria pastoril no Estado da Bahia* — Diário Oficial comemorativo do 1.º centenário da Independência na Bahia — 1923.
- POPPINO, Rollie E. — *Princesa do Sertão: a história de Feira de Santana*. Stanford, California — 1953 — (Tradução de Archimedes P. Guimarães). — (Deverá ser publicado, em breve, pela Livraria Progresso Editora na série do "PROGRAMA DE PESQUISAS da Fundação para o Desenvolvimento da Ciência na Bahia").
- SIMONSEN, Roberto — *História econômica do Brasil* — (1500-1820) — São Paulo, 1938.
- SPIX E MARTINS — *Viagem pelo Brasil* — ed. 1938 — *Através da Bahia* — Bahia, 1928 — 2.ª edição.

*Consultas:*

- Arquivo Público do Estado.  
Arquivo da Prefeitura de Feira de Santana.

*Jornais:*

- (de Feira de Santana).  
"Folha do Norte".  
"O Feirense".

(Nota: Ao finalizar este trabalho, não seria correto da minha parte deixar de mencionar, tornando gravado meu agradecimento, a boa vontade e ajuda de amigos como a família Oswaldo Boaventura, em Feira de Santana, que me possibilitou pesquisa "in-loco"; Maria David de Azevedo que, na "Fundação para o Desenvolvimento da Ciência na Bahia", facilitou-me a consulta ao trabalho de Rollie E. Poppino (*Princesa do Sertão*) ainda inédito, do qual recolhi preciosas e inúmeras informações, conforme se pode verificar. Também a Myriam Augusto da Silva, pela coleção de jornais antigos e publicações outras que muito me auxiliaram, o meu sincero agradecimento.